

I CONGRESSO DA CIDADANIA LUSOFONA

Sociedade Geográfica de Lisboa. Em Lisboa nos dias 2 e 3 de abril de 2013

Comunicação de Alexandre Banhos, participante em representação da **Fundação Meendinho**

É POSSÍVEL A CONSTRUÇÃO DUMA CIDADANIA LUSÓFONA NA GALIZA?

1. Como chegamos na Galiza aonde estamos.

Para explicar a recuperação da língua na Galiza no século XIX, vou colar um belo e preciso texto do professor Fernando Corredoira no seu prefácio ao [Sempre em Galiza](#) de Afonso Castelão: *“Em meados do século XIX renasce para a literatura uma língua socialmente estigmatizada, funcionalmente minorizada, banida das instituições oficiais e hostilizada pelo Estado. Popular e realmente falada, a língua galega começará a ser posta ao serviço dum movimento cultural e político que irá perfilando uma vocação que (com cautela, porém) poderíamos chamar nacional. Desde inícios do século XX, contra tudo e apesar de tudo, sectores da comunidade linguística galega transgredirão normas imemoriais, abrirão brechas em altos muros e sondarão novos caminhos, passando a fazerem servir o galego como instrumento do discurso público e da ação política.... Como previsível, o recurso ao modelo ortográfico castelhano foi inevitável. O ágrafo português da Galiza passou a escrever-se conforme a feição gráfica da língua oficial e única língua verdadeira – tal como ortografada desde finais do século XVIII. Este modelo tinha no mínimo duas vantagens invencíveis: era tecnicamente prestadio e era o único conhecido, o único aliás que podia conhecer-se”.*

Essa Língua estava submetida a um processo de degradação e de erosão, com abundância de soluções vulgarizantes e com novas palavras para as novas realidades da vida que ia entrando na Galiza, assim como para o pensamento abstrato, que chegava diretamente em castelhano ou fazendo decalques do castelhano, língua que o poder do Estado espanhol impunha por toda a parte e da qual garantia *obrigadamente com a eficaz escola nacionalizadora* um conhecimento muito além de elementar para todos os súbditos desse reino.

Nas primeiras décadas do século XX foram muito vigorosos os esforços na recuperação e dignificação da língua, e o constante (tentar) achegamento para a essa mesma língua, que limpa,

depurada e aperfeiçoada, é conhecida internacionalmente como português, língua da plena normalidade de dous Estados nessa altura: Portugal e o Brasil.

Porém, quando as cousas pareciam caminhar pelo melhor dos vieiros e os grandes vultos do galeguismo exprimiam isso de jeito intravável, o levantamento militar de julho de 1936 sepultou tudo a fogo e sangue¹. A alongada repressão, fez que a reconstrução posterior da tradição galeguista estivesse desprovida de avanços que já antes se alcançaram.

1. Os primórdios da construção de iniciativas lusófonas na Galiza

As práticas lusógrafas² podem-se rastrear já de antigo e são como um manancial que a cada pouco aparecia na Galiza para vivificar a língua.

Depois da guerra temos o magistério do professor Ernesto Guerra da Cal no exílio. Na Galiza, estas práticas só se estabelecem de modo permanente após o labor do professor [Ricardo Carvalho Calero](#), quem foi o primeiro catedrático da língua chamada *galegoportuguês* na única universidade existente na altura na Galiza, a de Santiago de Compostela.

O processo lusógrafo³ normalizador pode-se apresentar em duas fases.

Primeira fase: Entroncamento com a tradição galeguista

Nos anos setenta e começo dos oitenta do século passado, a mudança nas condições políticas provoca que se inicie a entrada parcial no ensino, – pela primeira vez desde 1495 – da língua “própria” da Galiza, que chegara até aí inçada de desleixo e particularismos⁴. O mais parecido que havia a uma norma era o modelo bastante desleixado da “koiné” da editorial Galáxia.

Uma certa institucionalização exigia a necessidade de elaborar uma norma padrão ortográfica (e prosódica, e sintática...), necessidade que no estado de opressão permanente em que se vivera até aquela altura, não dera para ser considerada prioridade.

¹ Mais de 20 000 galegos e galegas morreram vítimas da feroz repressão. E muitos dos que se conseguiram salvar, foram condenados a um longo exílio curto-circuitado nas suas relações com a Galiza

² Uso esta bela palavra do professor Gil Hernandez para definir a prática escrita usando o modelo histórico da língua libertado das alfandegas de Castela/Espanha.

³ Eu incluo dentro de lusógrafo a norma(s) AGAL, que para o professor Gil Hernandez quiçá ultrapasse o que ele define como lusógrafo.

⁴ Ainda que durante esse longo período não deixassem de entrar novos termos incorporados na língua de Portugal, para a Galiza. – Na Galiza, quando se apanha uma joaninha, disse: “voa, voa, joaninha e vai levar uma carta ao meu amor a Lisboa”... algo forte puxava por nós para sul.

Em 1980 apresenta-se, por uma equipa bem plural e em que estavam todas as tendências a respeito do modelo de padronização, encabeçada pelo professor Carvalho Calero, uma proposta de padronização que vai ser conhecida por “mínimos”, pois a mesma era desenhada como o primeiro degrau na aproximação ao modelo vigorante em Portugal. Foi publicada no *Boletín Oficial de Galicia* de junho de 1980. Porém, os poderes não aceitaram essa proposta nem sequer durante o tempo que teoricamente esteve em vigor. O Ministério da Educação espanhol, que dispunha das competências sobre o ensino, numa resolução sobre os livros para o ensino, retirou-lhe toda a validade.

No ano 1982 é oficializado, acompanhado de grande poder coercitivo, um modelo de padronização da língua absolutamente dependente e dialetalizante a respeito do castelhano.

Esse modelo imposto com toda uma gradação de meios económicos, perda de empregos por quem não o aceitar, subsídios para os seguidores..., deu seus frutos. Hoje, o português da Galiza está em muito pior situação socialmente, do que se achava naquela altura.

Após a rutura, com a possibilidade de uma certa padronização oficial, dum modelo que caminhasse para a convergência com o modelo vigorante em Portugal, nasce uma segunda fase de padronização na Galiza do modelo luso-brasileiro.

Segunda fase: aproximação ao luso-brasileiro

Pode-se afirmar que, desde então, nasceu na Galiza uma nova realidade: Em 1980 nascem as Irmandades da *Fala da Galiza e Portugal* e em 1981 a *Associação Galega da Língua*.

Vinha de nascer o movimento **reintegracionista**, quer dizer, o movimento linguístico e social a prol de **reintegrar** as falas da Galiza dentro da corrente da própria história da língua da Galiza, e da forma de esta bem conhecida internacionalmente como língua portuguesa.

Desde aquela altura na Galiza houve uma nova realidade, que contra todos os impedimentos a ela colocados, consolidou um corpus literário, linguístico e técnico, fazendo uso duma escrita que se correspondia ao padrão de Portugal (hoje ao do Acordo Ortográfico), ou muito achegado daquele com pequenas variantes de carácter regional.

As rápidas evoluções internas, o seu trabalho abrangente, são mais uma prova de que este se converteu num movimento vivo, numa realidade inegável que se acha plenamente inserida na cultura do País.

Desde o momento em que se optou pela via alternativa, e pela criação de uma *tradição paralela* (à imposta⁵) por assim dizer, abandonando as tentativas de influir⁶ na criação ou modificar o padrão do galego adotado coercitivamente pelo governo autónomo⁷, teve lugar um deslizamento evidente em direção a uma maior confluência com o universo lusófono e lusógrafo, do qual é o seu exemplo mais acabado a consolidação na Galiza duma [Academia Galega da Língua Portuguesa](#).

3- A alcunha de lusófonos, um bumerangue que veio dar certo

A prática reintegracionista foi chamada de lusista com pretensões depreciativas por parte do *establishment* cultural regional.

Lusista é(era) um termo muito esquisito na Galiza. O velho galeguismo era plenamente ciente de a Galiza sob Espanha ser só uma pequena parte da velha Galiza, cujo cerne estava ao redor de Braga (entre os rios Douro e Oitavém), a velha capital da Galiza durante 1200 anos. Não está de mais⁸

⁵ Espanha sempre foi mestra no "*divide et impera*"

⁶ Porém, ganhando a batalha da legitimidade e reconhecimento pela linguística internacional.

⁷ Sem pretenderem influenciar, o facto é que o sucesso e consolidação do reintegracionismo deu lugar a manobras dentro do oficialismo, e a contínuas modificações e inseguranças nesse modelo de língua.

⁸ **PORQUE É QUE NÓS, PORTUGUESES, DEVEMOS AMAR A GALIZA**

A primeira questão que, como portugueses, devemos colocar-nos, é se é possível, ou se algum dia teria sido possível, a existência de Portugal sem a existência da Galiza. Corria o século XIX, que entrava no seu último quartel, e num jornal do Porto, "O Primeiro de Janeiro", era entrevistado o grande historiador Alexandre Herculano. O jornalista demorava-se em pormenores do que estava nas origens de Portugal, e o historiador respondeu-lhe: "Portugal é a criação do génio galego".

Olhemos os seguintes factos:

1- Portugal não nasceu no ano 1143. Nasceu quando da queda do império romano no ventre do reino dos suevos, que criaram as condições para que a província da Gallaecia (com forte personalidade diferencial) evoluísse, juntamente com parte da Lusitânia, de modo claramente separado do resto peninsular. É neste reino que se produzem e funcionam os mecanismos que farão que a nossa língua portuguesa nasça do latim e seja estabelecida no noroeste peninsular no velho solar da Gallaecia, no seu esqueleto fundamental no período que vai dos séculos VI ao IX. Aí já temos os primórdios da nossa actual língua e o nosso funcionamento como povo diferenciado na península e no mundo europeu. É suficiente olharmos todas as crónicas muçulmanas peninsulares ou documentos referentes à península, das longínquas terras europeias do Mar do Norte, e ali estamos nós, portugueses, trajados de galegos. Que Portugal então não se chamasse assim, pois chamando-se Galiza era já verdadeiro Portugal, tanto faz. Porventura quando nós, portugueses, ou galegos, ou galego-portugueses, estendíamos o reino para o Sul, não estávamos a fazer Portugal? O portuguesíssimo mosteiro de Lorvão (perto de Coimbra) fundávamo-lo no século IX e assim figura nas actas fundacionais "in finibus Galleciae".

2 - Que é Portugal, o nome da cidade mais galeguíssima da Galiza, o Porto, a velha Portuscale romana, e mais tarde Portugale (Portugale), a que foi reduzido o nome para que pudesse usufruir dele o estado inteiro? E quem eram os galegos, a tribo celta achada por Decimo Junio Bruto morando ali onde o Douro se mistura com o oceano, "em Portugal", esses calecos do Douro deram o nome a todo o noroeste peninsular? Há algo mais português que o ser galego? E galego por antonomásia só o podem ser os habitantes do Porto. Aí estão as raízes. E eles, por serem do Portugale (Porto), são os mais verdadeiros portugueses.

3 - Nós, os portugueses, os que nos fazemos perguntas acerca destas coisas (só quem fizer as perguntas dará com as respostas; em saber perguntar, pesquisar, está o segredo da sabedoria e do conhecimento), pensamos que a Galiza é uma região espanhola que vêm caindo por cima de Portugal e na qual as pessoas falam um linguajar deturpado e feio como um espanhol com muitas palavras portuguesas, e onde as pessoas do povo entendem os portugueses e não têm essa atitude antiportuguesa que se dá nos espanhóis quando o homem (ou mulher) português não é um iberista. Mas isso não é a Galiza, é somente uma parte da Galiza. A Galiza é na realidade grande parte de Portugal,

lembrar que no ano 2011 cumpriu-se o 1600 aniversário do nascimento do *galaeciorum regnum*⁹, e que a Meendinho e algumas outras instituições e pessoas, (tanto da Galiza sob Espanha como de Portugal) lembraram que lá em Braga nasceu Portugal e que Portugal era tal mesmo chamando-se na altura Galiza.

Portugal foi a criação dos homens do norte, eles deram ao país a língua e a toponímia, por isso ela se repete toda do mar Cantábrico ao rio Tejo, e por isso os apelidos das pessoas também são comuns por cima das fronteiras.

Mas Lisboa muito cedo se afirmou como capital de Portugal contra o norte do país¹⁰, e o termo lusitano foi apanhado como contraste ao galego do norte – e mais quando uma parte da Galiza ficou sob Castela¹¹, mas não conseguiu apagá-lo. Ainda todos os portuenses e outros homens e mulheres do norte continuam a ser chamados de galegos em Lisboa.

O velho território romano dos lusitanos era só parcialmente correspondente ao atual Portugal: ele estendia-se pelo centro peninsular. Lembro, não há muito, numa viagem à cidade de Cuenca, em que fiz um pequena deslocação à zona natural da *Ciudad Encantada de Cuenca*, onde um guia entusiasmado me explicava que aquela era a terra do caudilho lusitano Viriato e que eles eram lusitanos.

de Santarém para cima, é aí que chegava o velho reino da Galiza. Haverá por acaso algo mais galego do que Braga, capital da Galiza romana, do reino suevo, da Igreja da Galiza? Lugo e Santiago sempre agiram por delegação do "verum caput" Braga, durante doze séculos a cabeça, e que por isso mesmo é ainda a cidade primaz de Portugal. Nós, os portugueses, podemos dizer que, da Galiza, o seu cerne, a sua essência, está em Portugal, e que não temos medo de chamar Galiza a todo o Norte do nosso País, que as coisas são como são, por muito que pese aos espanhóis

4- Portugal é a criação dos homens do Norte, eles deram-nos a língua (a sua alma colectiva essencial), eles puseram os topónimos e designaram a(s) terra(s), por isso temos os mesmos nomes do Cantábrico ao Tejo. Por isso depois da Galiza, vem a Beira (a velha Beira da Galiza), depois a Estremadura (a extrema do reino da Galiza), e ao sul do Tejo estava o Além-Tejo. Com certeza que, se os alentejanos houvessem posto os nomes, para eles os 'alentejanos' seriam os da Beira. Rompeu-se a Galiza no século XII e continuamos a ser galegos embora o nosso reino se chame Portugal. (Ao norte do Minho, acabaram caindo na órbita de Castela, ao sul levamos os nossos estandartes e a nossa língua pelo caminho de todos os mares). Quando os linguistas alemães e Carolina de Michæelis difundem a nossa literatura medieval, chamam à língua 'galego-português', isso não o faziam porque a língua não fosse português cem per cento, que o era; mas perante o facto de todos além e aquém Minho chamarem a sua língua 'galego'. Na corte portuguesa de Lisboa à língua que se falava ainda não se dera o nome do reino, simplesmente chamava-se-lhe galego. E os doutos criaram o 'galego-português' como expressão, ao parecer-lhes mais simples que explicar à população que a língua portuguesa antes se chamava galega.

5- Nós, os portugueses, amando a Galiza, estamos a amar o próprio Portugal, estamos a mergulhar nas essências pátrias. Mas deu-se a queda das fronteiras, a Espanha está a invadir-nos todos os dias - e de que maneira. Não vai sendo hora de nós, portugueses, nos comprometermos firmemente na defesa da lusofonia no além Minho?

⁹ O que chama a historiografia espanhola dos "suevos"

¹⁰ E não poucos dos problemas no país devem-se a infeliz integração que com o norte se produz em Portugal, e como muitas vezes tenta Lisboa "capar" a ação desse norte, que é o maior gerador de empresas, projetos empreendimentos e exportações de Portugal.

¹¹ Desde 1230 em que morre Afonso VIII da Galiza/Leão chamado pelos historiadores de Castela IX, a monarquia portuguesa, de conformidade à legitimidade do testamento e vontade de Afonso VIII, reclamou o território a norte do Minho e a leste dos montes de Leão como parte do seu reino. Foram vários os reis de Portugal a serem proclamados também reis da Galiza a norte do Minho. O último Afonso V, quem após a batalha de Toro de 1 de março de 1476, renuncia a esse território e assina um pacto matrimonial de que virá a noite filipina sobre Portugal.

Lusofonia foi além disso para a Galiza (e penso que também para o Brasil) um peculiar saudosismo muito cantado pelo Salazarismo, e que fazia mais que nada, lembrança a um jeito ou conceção ideológica ligada a um imaginário coletivo do grande Portugal com as suas colónias.

Porém, apesar disso, todos reconhecemos que a lusofonia nasceu num berço de ouro, que não é outro que o formosíssimo canto de *Os Lusíadas* de Luiz Vaz de Camões¹².

No Portugal após Abril, pouco a pouco o conceito lusofonia foi apanhando novas caras e contornos. Movimentos como o MIL estão a ajudar a projetar uma nova lusofonia dum modo muito eficaz.

Hoje na Galiza, o que nasceu como um pretenso elemento depreciativo dos reintegracionistas, foi assumido por todos e por todo o lado e, pela primeira vez na história da Galiza, podemos chamar de lusófonos sem achar nisso alcunha negadora nenhuma, sabendo que é uma categoria histórica e que como tal muda com o tempo, e hoje em dia já não faz referência a saudosismos, e é mais um jeito, uma forma, de projetar a comunhão que nos une a quantos aquém e além temos a língua portuguesa como a nossa comum língua, com a sua variedade de sotaques e modos, como é próprio das línguas que são pluricontinentais e que abrangem diversidade de povos e histórias.

Essa alcunha, como um bumerangue, deu a volta à cousa e ajudou a inserir-nos na comunhão lusófona.

4- A construção duma cidadania lusófona alargada na Galiza

Para a construção duma cidadania lusófona na Galiza estão a contribuir instituições de diverso tipo como são: a Academia Galega da Língua Portuguesa, a Associação Pro-AGLP, a Fundação Meendinho, a Associação Galega da Língua, e muitas entidades cívicas e sociais.

Mas a pôr-nos na cena da Lusofonia, a isso têm contribuído personalidades e instituições lusófonas por toda a parte, mas quero aqui destacar o especialíssimo e relevante papel que está a jogar o MIL. Ontem cantou-se pela primeira vez neste nobre edifício o hino da Lusofonia e nele estava a Galiza. O trabalho do MIL, fazendo-nos presente por todo o lado, é impagável.

Sei que por um pequeno acaso não estão ainda instituições sérias e lusófonas da Galiza espanhola na CPLP, mas é bem certo que nunca como agora foi tão presente para todos os membros da CPLP a presença da Galiza, duma Galiza espanhola absolutamente libertada de espartilhos regionais e castelhanos. Nunca como agora se tem escutado falar tanto da Galiza na Assembleia da República e noutros fóruns, e quando o fazem nunca estão a pensar no governo regional.

¹² Cujas raízes estão na freguesia de Camos-Nigrám ao norte do Rio Minho

O trabalho que alguns muitos vamos fazendo, tranquilos, firmes, pacíficos e sem paragem, vai dando os devidos frutos.

Logo, pois, é uma realidade incontornável crescente na Galiza, que o reintegracionismo de modo muito pacífico e calmo se insere no alargado espaço lusófono sem perder por isso as suas galeguíssimas características e idiosincrasia.

Porém, inserir umas elites culturais, da Galiza, por muito alargadas que elas possam ser ou parecer neste momento, e construirmos uma verdadeira cidadania lusófona na Galiza, são cousas muito diferentes.

Sejamos claros, a Castela/Espanha, é algo assim como um cão pit-bull, segura com os dentes a presa e não a larga. Por vezes parece que afrouxa a pressão, mas não larga quem tem preso: pode, por um lado, estar a oferecer não sei o quê, e, à vez, vai continuar a travar-te.

A velha política de banir o português da Galiza, desse território espanhol que é parte do velho solar galego, em que a nossa língua nasceu, não tem paragem; combinam-se diversas políticas: a imposição, as dificuldades para o desenvolvimento duma vida normal na nossa língua no território, a minoração, e o racismo antiportuguês, e tudo isso com o tempero e o molho de um impulsionamento de um modelo de língua que subliminarmente canta sempre o castelhano.

A política de língua levada desde fins dos anos 70 do século passado na Galiza, a qual o sociolinguista catalão Lluís Aracil denominou *política estupefaciente de substituição linguística*, e da qual não é um assunto menor o do modelo de língua escrita, que é impulsionada desde o poder, deu os seus frutos: diminuição acusada do número de falantes da sua língua na Galiza, perda de qualidade do idioma, pois o que se fomenta é apenas uma variante do castelhano... podemos receber dos poderes da Espanha na Galiza muito boas palavras, mas as ações – a travação da presa – não mudou.

Olhado de fora e sem preconceitos, nem querendo olhar (inventar) mais além do que há, a coisa tem um ar um [bocado obscuro](#)¹³, dir-se-ia que o plano dos dominadores avança sem paragem para aquilo que sempre quiseram

5- Terá, pois futuro uma Galiza lusófona?

Estamos a viver um momento muito peculiar da história, uma situação que eu acho maravilhosa – ainda que à vez tem muita dor e tristura –, estamos submersos numa crise muito profunda, uma

¹³ Eis as reflexões duma pessoa que honestamente veio até agora aceitando o modelo impulsionado do poder e, quando olha o que a rodeia, percebe que, como aconteceu ao rei do conto, está nua.

crise sistémica, onde um novo mundo vai nascer. Estamos a assistir à morte do mundo que viemos vivendo até aqui. As cousas não são fáceis, igual que nunca foram fáceis os partos, ainda que deles venha o futuro e muita alegria.

A crise obriga-nos a repensarmos as cousas, e fazer cousas de um outro modo, se queremos sair do beco sem saída em que estamos metidos.

Dizia que esta crise é maravilhosa no sentido que vai ser fonte de novas e surpreendentes oportunidades.

Muitos dos Estados do mundo são absolutamente inviáveis. No Estado espanhol o agir destrutivo de quem controla esse Estado, e a sua incapacidade para se entender com quem é diferente, põe os alicerces para que na Europa se torne num dos Estados que vão ser inviáveis.

Daí não tem porque vir mal nenhum para ninguém, nem sequer para os próprios castelhanos, provavelmente pode ser a oportunidade para se dar algum tipo de entendimento, ainda que isso com os pit-bull a travar não é fácil.

Portugal deve a sua liberdade à vontade do seu povo, e em boa medida ao levantamento catalão paralelo do de 1640 que dividiu as forças de Castela¹⁴.

Portugal tem a obrigação de contribuir para que qualquer processo que se der no Estado que com ele ocupa o espaço peninsular, se faça de forma pacífica, escutando democraticamente a vontade dos cidadãos.

Para Portugal uma península configurada de outro modo vai ser uma grande oportunidade. Saibam vocês que antes dos próximos mundiais de futebol o Parlamento da Catalunha vai proclamar a independência unilateral.... Espanha vai-se encarregar de os forçar a ter de adotar essa decisão. Isso vai ser a vela de ignição do motor da desintegração....

Não sei o que se vai passar na Galiza.... mas sabemos que só temos futuro sendo nós próprios, e na nossa língua, o português.... quer dizer, com uma cidadania lusófona.

A Galiza tem muitas vantagens económicas de futuro, tem uma balança de pagamentos sempre com forte *superavit*, tem as suas gentes e tem a comunhão lusófona toda... só podemos melhorar, ainda que não todo for fácil, e para Portugal uma Galiza com capacidade de agir por si, seria um fator a

¹⁴Também se deve nalguma medida, aos muitos galegos do norte do rio Minho que lutaram com Portugal, a deserção maciça de soldados galegos levados nas tropas de Castela para se unirem com quem tem comunhão de língua, ao fim e ao cabo a pátria verdadeira. De feito no começo do levantamento de Portugal de 1640, apareceu um movimento na Galiza a prol de se unir a esse movimento. As elites portuguesas e castelhanas agiram, para empecer essa possibilidade, como tem estudado o professor Ernesto Vasquez Souza

completar a sua força económica, e a combater pessimismos que abalam muitos corações do extraordinário e muito querido povo português.